

Intervenção do Prof. António Magalhães no centenário do nascimento de António César Guedes

Quando ocorre o centenário, o Município de Oliveira de Azeméis presta homenagem a um dos seus filhos. Um filho que viveu e permanece como referência das nossas terras.

As cerimónias deste dia determinaram-nas a vivência de dois sentimentos por via de regra arredados da vida política e até mesmo da vida social: os sentimentos da memória e da gratidão. Congratulemo-nos com isso.

Num acaso tão feliz, verificamos que António César Guedes nasceu em 1916, ano em que Ferreira de Castro, o gigante da nossa língua, encetou tímida mas promissoramente, com apenas dezoito anos de idade, uma obra literária vertida praticamente em todas línguas faladas no mundo civilizado e que agora se celebra. O tempo enraizaria entre os dois uma profunda amizade e uma conhecida admiração que permaneceram até ao fim.

A vida e a obra de António César Guedes não cabem, naturalmente, no bosquejo biográfico que aqui vos deixo.

Nascido na nossa provinciana vila de então, frequentou a Escola Conde de Ferreira, foi dos primeiros alunos da Casa Escola fundada em 1922, por D. Maria Adília Alegria Martins de Almeida, frequentou ainda a nossa primitiva Escola Industrial, matriculando-se na Escola Raul Dória, no Porto. Fundada em 1902, um estabelecimento de ensino avançado no domínio da contabilidade e técnicas comerciais, génese das actuais Faculdades de Economia, que ainda vinham longe. Entretanto, habilitou-se como avaliador oficial, uma especialidade então fortemente requisitada pela Justiça.

Com seu pai, António Moreira Guedes, ingressou no mundo do trabalho árduo, sucedendo, na terceira geração, no comércio de ourivesaria naquele que era um dos mais famosos estabelecimentos de toda uma vasta região, transportando malas de ouro por todas as feiras de uma vasta zona. Não se dizia ir ao ourives, antes ir ao Senhor Guedes. Gravou milhares de lembranças da comunhão solene e alianças de casamento que o celebrante abençoaria.

Mas a sua actividade extravasaria muito para além da profissão, com realce para a sua devoção de décadas à Comissão de Melhoramentos de La Salette, sucessora da Comissão Patriótica, em que activamente se embrenhou seu pai, e a quem devemos o nosso Parque, menina dos olhos dos oliveirenses.

Serviu a Misericórdia dedicadamente quando esta administrava o Hospital e criou o Recolhimento de Inválidos César de Pinho. Nacionalizado o hospital, foi a Misericórdia que pôs fim às questiúnculas em volta do Palacete do Comendador, em 1978, instalando o infantário. Depois, a aquisição da espaçosa quinta e a construção das actuais instalações, com o alargamento às várias valências de hoje.

Foi dirigente apaixonado da União Desportiva Oliveirense, quando só as dificuldades abundavam, serviu o Asilo da Infância Desvalida, actual Centro de Apoio Familiar Pinto de Carvalho, os Bombeiros Voluntários, esteve na criação do Instituto de Cultura Ferreira de Castro.

Integrou o esforçado grupo de oliveirenses que se abalançou à construção da Estalagem de São Miguel, em La Salette.

Foi activo praticante de ténis, no seguimento da criação desta modalidade por João Carlos Gomes da Costa.

Esteve, desde a origem, na organização dos famosos bailes de Carnaval, que levaram longe o nome da nossa terra e trouxeram até nós as mais famosas orquestras, recordando-se, por exemplo, a Orquestra Resende Dias. Primeiramente no salão nobre, depois no ginásio do colégio.

Em suma, esteve nos sucessivos movimentos de solidariedade, de recreio, de lazer, de valorização cultural.

Logo após o Movimento de 25 de Abril, e no impedimento profissional do Dr. Flávio Laranjeira, presidiu à Comissão Administrativa da Câmara até às primeiras eleições, em 1976.

Apassionado pela história das nossas terras e das nossas gentes, possuidor do maior acervo fotográfico e documental, senhor de uma memória prodigiosa, participante em todas as iniciativas da terra, sobrou-lhe ainda tempo para a publicação de várias obras de cariz monográfico e histórico, insubstituíveis para quem se deseja embrenhar no estudo da história oliveirense.

Mais um valioso serviço prestado à nossa terra, evitando, como repetidas vezes acontece, a perda irrecuperável de um arquivo reunido numa vida tão longa como fecunda.

Muito para além do que atrás fica neste curto esboço da vida de António César Guedes, haverá que realçar as suas qualidades humanas. Homem solidário. Homem de causas, de convicções. Esmerada educação. Sempre disponível. Irradiante de simpatia. Contacto fácil. Um verdadeiro cidadão em toda a acepção do termo.

Pessoalmente, e porque tínhamos em comum a paixão pelo passado, muito devo à sua amizade, à generosidade e entusiasmo com que sempre repartiu comigo os seus vastos conhecimentos, com que sempre liberalizou o seu arquivo. Muitas vezes, no fim de mais uma conversa, que quase sempre era mais um pedido, a abertura com que falávamos permitia-me que lhe chamasse a Torre do Tombo oliveirense, a minha Torre do Tombo.

Um breve apontamento final. Por vontade do Município e da família de António César Guedes, coube-me a honra de me poder associar a este homenagem. Estou-lhes muito grato. Ter-lhes ia sido bem fácil encontrar melhor protagonista, que, naturalmente, o nosso homenageado bem merecia. Perdoar-me-eis a imodéstia, as muitas carências deste meu texto serão compensadas pela sinceridade com que foram ditadas, pela admiração, pelo respeito e pela gratidão que em vida consagrei a António César Guedes, sentimentos que permanecem bem vivos no meu coração.

No precioso arquivo que a partir de hoje enriquece esta casa encontraremos todos muita da história da nossa terra. De entre este vasto património, constarão, aqui e ali, recortes de breves apontamentos meus publicados na Imprensa. Numa coincidência feliz, quantos deles só possíveis pelos muitos ensinamentos do nosso homenageado, ditados espontaneamente, por uma memória tenaz, ali mesmo ao balcão da sua histórica loja centenária, hoje uma saudade para tantos de nós.

Não quereria terminar sem saudar a família de António César Guedes. Saudá-la e felicitá-la pelo exemplo de vida deste marido, pai, avô, bisavô, deste tão ilustre oliveirense. Manifestar-lhes a minha admiração pelo carinho que sempre lhe dedicaram, especialmente no último trajecto da vida. Perdoar-me-ão que sublinhe de modo particular a ternura com que a filha D. Maria da Graça, para mim sempre a Gracinha, carinhosamente soube adoçar-lhe os momentos menos felizes.

Prof. António Magalhães